

O QUE DIZEM

**PEDRO MOURA,**  
BOSTON (MASSACHUSETTS)

Pedro Moura, 53 anos, que vive há mais de 20 anos nos EUA, acha que os americanos ainda não entenderam a gravidade da crise:

— Uma geração toda não tem idéia de onde isso vai levar. Me lembra coisas que já vivi no Brasil, a cada dia um pacote diferente.

*“Amigos que tinham dinheiro investido em fundos perderam entre 30% e 50% em dois meses. Minha cunhada, professora, perdeu 40% do dinheiro economizado, e agora vai ter que adiar a aposentadoria. A crise imobiliária acabou com a construção civil, a maior fonte de empregos dos ilegais. Brasileiros estão debandando. Os comerciais mais comuns na Globo Internacional nos EUA são de companhias especializadas em mudanças para o Brasil. Porém, para quem conseguiu juntar alguma coisa, a desvalorização do real vai fazer uma diferença enorme. Estou pensando em voltar para o Brasil no ano que vem. O plano é mandar o dinheiro mais cedo. Graças à desvalorização cambial, o estilo de vida que teremos no Brasil será diferente. Nossas economias já aumentaram cerca de 30% (em reais).”*

**VIVIAN BRENTANO,**  
SAN CLEMENTE (CALIFÓRNIA)

A engenheira química porto-alegrense Vivian Brentano, 30 anos, faz doutorado em psicologia em San Diego e trabalha como garçonete. O primeiro lugar em que viu a crise se materializar foi no restaurante em que trabalha. Vivian mora de aluguel, mas relatos de amigos-dos-amigos que perderam a casa ou estão em sérias dificuldades para pagar suas prestações, não faltam.

*“Meu chefe fez reunião para informar sobre a redução de custos no restaurante, como corte nas horas dos funcionários. Não houve demissão, mas passamos a ganhar muito menos. O movimento caiu muito em todos os lugares. As pessoas não saem para comer fora como costumavam fazer. No restaurante, o movimento nos finais de semana tem sido como em qualquer dia normal. As pessoas estão comprando menos, o que não é normal para os americanos, que descartam tudo em muito pouco tempo de uso. Os americanos estão assustados, receosos. Essa é uma situação muito diferente, já que tudo sempre foi muito fácil e farto para a maioria, especialmente na região em que vivo.”*

# GAÚCHOS ACORDAM DO SONHO AMERICANO

Atingida pela crise imobiliária, família luta, no Brasil e nos EUA, para se adaptar à realidade

SEBASTIÃO RIBEIRO

O gaúcho Alexandre Vieira viveu o sonho americano em sua plenitude. Em 2003, seis anos depois de ter chegado aos Estados Unidos em busca de experiência no Exterior, ele tinha uma bem-sucedida empresa de pintura, catapultada pelo boom do mercado imobiliário, morava em uma mansão avaliada em US\$ 1 milhão, com cinco quartos, piscina térmica e um jardim de 3,1 hectares para fazer barbecue (churrasco grelhado) aos domingos. Além desse casarão, comprado com financiamento, o empresário mantinha outra casa, adquirida da mesma forma, apenas como investimento.

No ano passado, o american dream revelou-se um pesadelo engendrado pelo estouro da bolha imobiliária que motivou a atual crise financeira global. Com o desaquecimento do mercado, Alexandre viu a demanda por pintura se reduzir a menos de um terço, passou a ter dificuldade de honrar as prestações das casas, teve de entregá-las ao banco e acumula uma dívida que estima em US\$ 700 mil. Hoje, vive de aluguel em uma casa três vezes menor, mas mantém um padrão de classe média, dois carros na garagem e dinheiro para receber os amigos e a família nas festas de Halloween e Ação de Graças.

— O padrão de vida ainda é muito bom, mas minha visão mudou. Achava que isto aqui era a melhor coisa do mundo. E foi. Não é mais — reflete o gaúcho, com um leve sotaque inglês.

Trás de Alexandre foi o pai, Helio, com a mãe, Tânia, e os outros dois filhos, Fábio e Ana Paula. A tia, Elaine, engrassou a turma. Seja por investimentos em casas ou desaquecimento do setor de construção, todos foram afetados pela crise imobiliária, que trouxe os gaúchos Helio e Tânia de volta para Criciúma, Santa Catarina, em 2006. Os dois desembarcaram no Estado de Massachusetts em 1998, com o sonho de montar um restaurante. No mesmo ano, compraram um estabelecimento e o batizaram de Sabor Tropical.

Da cozinha, saíam feijão, arroz, farofa e churrasco, feito em uma churrasqueira importada do Rio Grande do Sul. O cardápio do “Sébor Tropical” — como falavam os locais — caiu no gosto do público, boa parte formada por trabalhadores da construção civil imigrantes. Helio ganhou dinheiro até, em 2004, aceitar uma das tantas propostas de empréstimo e comprar uma casa de US\$ 250 mil, financiada em 30 anos. Pouco mais de um ano depois, sua caixa de e-mails era abarrotada de ofertas de bancos imobiliários para refinanciamento do imóvel. Helio não resistiu. O agente financeiro avaliou a casa em US\$ 300 mil, entregou US\$ 50 mil ao gaúcho, e financiou

o valor total em 30 anos, com juros menores do que o empréstimo anterior.

— Eu dizia aos meus filhos que aquela valorização estava fora da realidade — conta.

A facilidade transformou-se em dureza na hora de pagar a conta: o mercado imobiliário estourou, os clientes do restaurante perderam seus empregos, Helio ficou sem dinheiro para a prestação, entregou a casa ao banco e voltou ao Brasil, deixando as dívidas para trás. O Sabor Tropical ficou com a filha, Ana Paula, que, menos de seis meses depois, teve de vendê-lo por US\$ 18 mil, metade do valor pretendido. O marido de Elaine, Paulo Vilarinho, é um exemplo de como os imigrantes perderam o poder de compra. Depois de 11 anos como pintor, ele foi demitido da empresa para a qual trabalhava no início de 2007.

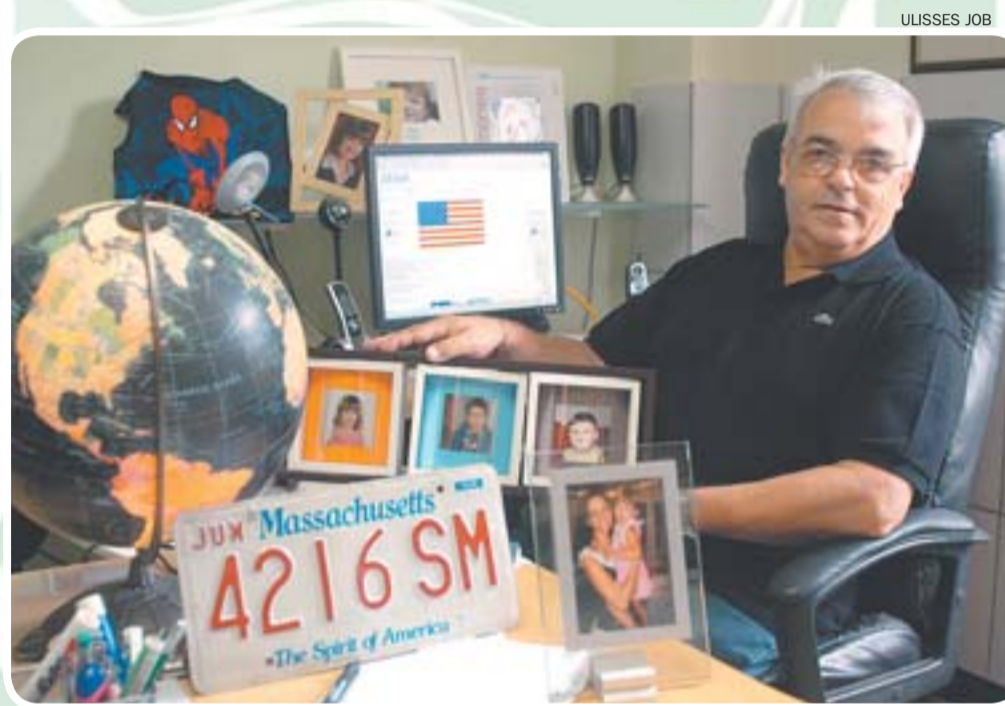
De US\$ 4 mil que ganhava, passou a ter uma renda mensal de cerca de US\$ 2,4 mil como autônomo. O casal chegou a refinarçar o imóvel, recebendo US\$ 30 mil, em negócio semelhante ao de Helio, mas há seis meses não consegue pagar o aluguel.

No primeiro trimestre deste ano, o processo de retomada de casas hipotecadas atingiu 740 mil propriedades, ou 121% mais do que no mesmo período de 2007. Quando o banco vende o imóvel, o preço já é bem menor do que o financiado, e restam ao comprador dívidas. Empréstimos como os dados aos Vieira causaram a derrocada do sistema financeiro mundial. Isso porque os bancos faziam entre si transações baseadas no pagamento esperado, mas não realizado, dos financiamentos. No fundo, a garantia desses negócios globais eram pessoas como Alexandre, Helio e Elaine, que, com a desvalorização dos imóveis, ficaram sem condições de arcar com o compromisso.

Fábio, gêmeo de Alexandre, também dono de empresa de pintura, perdeu dinheiro com a crise, mas não chegou a comprar uma casa: — Muita gente que não tinha condição comprou a casa que queria. O negócio hipotecário ganhava tanto nos juros que emprestava US\$ 400 mil para qualquer imigrante ilegal. Enquanto tinha trabalho, tudo bem. Depois...

Em Worcester, Massachusetts, a cidade de 175 mil habitantes onde Fábio e Ana Paula moram, a crise se exhibe, nos bairros mais pobres, em ruas vazias, tomadas por casas abandonadas à venda, muitas fechadas por tapumes para impedir a entrada de mendigos. Para Alexandre, o sonho americano se transformou no sonho brasileiro: — Penso duas vezes antes de investir aqui. Minha idéia é investir no Brasil para um dia voltar.

Colaborou Isabel Marchezan



ULISSES JOB

## O PATRIARCA VOLTOU

**HELIO VIEIRA, 62 ANOS**

O gaúcho de Porto Alegre mudou-se para Santa Catarina em 1991 e abriu uma confecção. Com o declínio do negócio, foi, em 1998, ao lado da esposa Tânia, para os EUA, seguindo os passos do filho Alexandre. Lá, trabalhou na indústria e, em 2002, abriu um restaurante brasileiro, Sabor Tropical, em Massachusetts. Ganhou dinheiro para, em 2004, comprar uma casa de R\$ 250 mil, dando 2% de entrada e financiando o restante em 30 anos, com juro de 8,3% ao ano. Em 2005, a casa passou a valer US\$ 300

mil, e ele aceitou a oferta de outra empresa para refinanciá-la. Na operação, Helio recebeu US\$ 50 mil em dinheiro e iniciou um novo financiamento, agora de US\$ 300 mil, de mais 30 anos, com juro menor, de 6,1% ao ano, o que garantiu a manutenção do valor da parcela. Em 2006, a economia imobiliária começou a desaquecer, o movimento do restaurante caiu, os imóveis desvalorizaram e ele entregou a casa ao banco hipotecário e voltou para Criciúma (Santa Catarina), onde abriu uma empresa de importação e exportação.

## A CAÇULA VENDEU O RESTAURANTE



**ANA PAULA VIEIRA MARQUEZINI,**  
25 ANOS

Caçula dos filhos de Helio e Tânia, chegou aos EUA em 1999. Lá, casou-se com o gaúcho Rafael. Em 2006, assumiram o restaurante do pai de Ana Paula. A crise, no entanto, já estava instaurada. Com boa parte dos clientes sendo imigrantes trabalhadores da construção civil, a derrocada imobiliária atingiu em cheio o Sabor Tropical. Já no início de 2007, o casal vendeu o negócio e abriu uma firma de limpeza de obras e imóveis. Apesar da crise, estão conseguindo sobreviver atendendo a um mercado de construções para ricos, menos atingida.

## MENOS CASAS PARA PINTAR



**FÁBIO VIEIRA,**  
34 ANOS

Começou trabalhando como pintor para uma empresa de construção civil. Em 2004, auge do boom imobiliário, desligou-se da firma para abrir o seu próprio negócio na área. Na época, pintava de três a quatro casas por semana, faturando de US\$ 2 mil a US\$ 3 mil no período. Hoje, pinta de duas a três residências, ganhando de US\$ 1 mil a US\$ 1,5 mil. Não chegou a comprar casa. Casou-se com a brasileira Vanessa e teve o filho Tiago, dois anos. Chegou em março de 99 aos EUA, atrás da família.

## ELE PERDEU A MANSÃO



**ALEXANDRE VIEIRA,**  
34 ANOS

Foi o precursor dos Vieira em solo norte-americano, em 96. Emigrou com a namorada, Andréia, trabalhou em vários setores até abrir uma empresa de pintura. Casou-se e teve dois filhos nos EUA. Com a crise, sua firma perdeu clientes e os empréstimos de pagamento de duas casas não foram honrados (ver histórico ao lado). Alexandre perdeu os imóveis e hoje vive de aluguel com a família em uma confortável casa de classe média no Estado de Connecticut, a duas horas de carro da casa dos irmãos, que fica em Massachusetts.

**GEORGIA STUMPF**  
MIAMI (FLÓRIDA)



A crise econômica foi mais um incentivo para Georgia Stumpf, 28 anos, e o namorado, Guilherme Rech, 25, de Caxias do Sul, decidirem voltar ao Brasil, após quase dois anos em Miami. Entre outros motivos, contou pontos o fato de que as economias do casal agora valem mais no Brasil.

— Acho que é o melhor momento, para enfim voltar e trabalhar na minha área — conta a fisioterapeuta, que atua em organização de eventos.

*“Sentimos uma forte diminuição no movimento nos restaurantes, nos shoppings. Enfim, o país do consumismo está recuado. Onde trabalho está um clima ruim, todos com medo. Foram cortadas horas extras dos funcionários. No supermercado, antes fazíamos um rancho com US\$ 120, hoje não sai por menos de US\$ 150. Mas o combustível está bem mais barato. Quando cheguei aqui, pagava em média US\$ 2,17 o galão de gasolina (4,45 litros). Há quatro meses, chegou a US\$ 4,10, e hoje pagamos US\$ 2,99. As pessoas estão evitando fazer qualquer investimento mais usado, poupando pela incerteza do amanhã. Mas os americanos têm fé na mudança de presidente.”*

**ANDRÉIA SUMIDA**  
UNION (NOVA JERSEY)



Andréia Sumida, 33 anos, foi aos Estados Unidos para disputar um campeonato de jiu-jitsu, em 2003. Acabou ficando quatro anos:

— Estava insatisfeita com minha carreira de arquiteta e resolvi ficar em San Diego, Califórnia, para dar um tempo do Brasil. Me apaixonei e resolvi ficar.

Há quatro meses, mora em Nova Jersey com a irmã, onde se divide entre dois empregos, no hotel Marriott e num restaurante japonês.

*“Tivemos uma reunião no hotel e cortaram horas de todos para não ter de mandar embora. Eu trabalhava quatro dias (por semana), e agora, só dois. A maioria dos brasileiros aqui vive de tip (gorjeta), e estamos fazendo muito menos dinheiro. Está difícil a situação! Notei até na academia: não estavam colocando papel-toalha à disposição dos associados, por exemplo. E o movimento no comércio está péssimo. Uma amiga que trabalha como babá foi demitida — a chefe dela perdeu o emprego e teve de dispensá-la. Os americanos colocaram toda a esperança no Obama, e a culpa no Bush. Tem camisetas do Obama de monte por aqui, e ele está sendo encarado como o salvador.”*

Data Publicação : 09/11/2008

Caderno :Dinheiro

Brasileiro, Crise, Turbulência Global, Economia, Banco, Gaúcho